

CIRCULAÇÃO DE MODELOS DE LEITURA PARA PROFESSORES: A ATUALIDADES PEDAGÓGICAS E A BIBLIOTECA MUSEU DO ENSINO PRIMÁRIO

TOLEDO[1], Maria Rita de Almeida – EHPS / PUC-SP – m.rita.toledo@uol.com.br

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: CAPES / GRICES

Esta pesquisa debruça-se sobre a composição de bibliotecas pedagógicas portuguesas e brasileiras constituídas para uso de docentes e alunos das escolas de formação de professores. Foi verificado que há forte presença de autores brasileiros e de traduções publicadas no Brasil nas bibliotecas portuguesas, assim como há presença de livros portugueses nas bibliotecas brasileiras de mesmo caráter. Como compreender e dimensionar a circulação de materiais impressos, produzidos em situações culturais determinadas, em outros lugares para os quais não foram necessariamente projetados? Que razões teriam levado os organizadores dessas bibliotecas a selecionar conjuntos de livros “estrangeiros” para a formação de seu professorado? Para responder a estas questões, no âmbito desta comunicação, toma-se o caso da presença dos livros de uma coleção produzida no Brasil em uma biblioteca portuguesa. Destaca-se que a análise adotada neste trabalho toma a História Cultural como referencial teórico, considerando o impresso como objeto cultural; o que significa operar com os conteúdos do impresso em relação à materialidade de seus processos de produção, circulação, imposição e apropriação pelos agentes envolvidos¹ (Carvalho, 2003).

As coleções editoriais para professores podem ser analisadas como um tipo especial de impresso que carrega em sua materialidade dupla estratégia de intervenção cultural: a *intervenção no campo da pedagogia*, por meio da seleção e adaptação do conjunto de textos e autores que deve compor o programa específico de formação do professor-leitor, indicando os usos específicos para o conjunto das leituras selecionadas na coleção; a *intervenção editorial* que, por meio da reorganização dos textos, para a ampliação do mercado, faz circular a representação do professor – leitor, objetivada

[1] Esta comunicação é fruto da pesquisa inserida num projeto mais amplo - *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais* - sobre história da escola, em Portugal e no Brasil, que focaliza questões relativas à circulação e à apropriação de modelos culturais. Entre as diversas dimensões de exploração propostas no âmbito do projeto, optou-se por contribuir com aquela que procurou *analisar a difusão, circulação e apropriação de objetos impressos (revistas impressas, manuais de formação de professores, obras existentes em bibliotecas escolares, coleções editoriais etc.) que materializaram a circulação destes modelos* (Carvalho e outros, 2006, pp.7-8). O projeto foi financiado pelo convênio CAPES-GRICES.

¹ Adota-se aqui a proposição de Chartier (1998, pp.12-13) de estudar a cultura do objeto impresso: conduzida a partir de estudos de caso ou objetos específicos; considerar um caso particular; compreender a utilização do material em situação específica.

pelo editor, e das práticas de leituras específicas e adequadas a ele. Essa dupla intervenção acaba por constituir uma cultura pedagógica específica que remete à representação do campo da pedagogia e do leitor contidas na mediação editorial que a propôs; também acaba por construir e veicular um modelo de leitura e formação específico².

Adolfo Lima e a Biblioteca Museu do Ensino Primário

Em uma das mais importantes bibliotecas de formação de professores de Portugal - **Biblioteca Museu do Ensino Primário (BMEP)** – há forte presença de livros brasileiros ou traduções feitas no Brasil³, entre estes livros a primeira fase da Coleção **Atualidades Pedagógicas (AP)** está praticamente completa⁴. Considera-se que a circulação da **AP** pelas instituições de formação portuguesas foi possível pela ressonância que o modelo de leitura e formação por ela veiculado encontrou no campo pedagógico daquele país pelas possibilidades de apropriação que os agentes de formação docente portugueses encontraram neste modelo.

Segundo Mogarro (2006), a **BMEP** foi instalada na Escola do Magistério Primário de Lisboa, em 1933, instituição herdeira das antigas Escolas Normais da capital portuguesa em um período de forte controle ideológico e repressão – o Estado Novo.

Para diretor foi nomeado, ainda em 1933, Adolfo Lima, professor da mesma escola, que ocupou o cargo durante uma década e deixou o seu nome ligado ao período mais significativo desta biblioteca. Mogarro (2006a) ainda informa que Adolfo Lima foi um dos principais intelectuais da geração de escolanovistas portugueses; seu pensamento e a sua ação marcaram os anos 1920, em Portugal, conjuntamente com António Sérgio, Álvaro Viana de Lemos e Faria de Vasconcelos, entre outros (Mogarro, 2006a).

Lima era formado em advocacia, mas, desde a implantação da República, dedicou-se ao campo da cultura, destacadamente à Educação. Aderiu também ao anarquismo e dele foi defensor até o final da vida. Foi escritor de peças infantis e crítico de teatro; também foi tradutor de literatura, psicologia, educação, entre outras áreas do conhecimento. Segundo Candeias (2005), *Lima escreveu diversos livros e artigos,*

² Sobre a noção de coleção como objeto impresso, consultar Chartier (1994); Olivero, 1999)

³ Para a análise do acervo da Biblioteca consultar Mogarro (2006)

⁴ Dos 39 títulos publicados, entre 1931 e 1939 - auge da programação da **AP** por Fernando de Azevedo - comparecem na BMEP 23 deles e seis reedições.

fundou revistas e exerceu funções como correspondente em Portugal de revistas pedagógicas estrangeiras, mantendo uma relação epistolar com alguns dos vultos principais da Educação Nova. No campo prático, a sua ação fez-se sentir na Escola Oficina n.º 1; na Escola Normal de Benfica, da qual foi o primeiro diretor (1918 a 1921); no Liceu Pedro Nunes; nos serviços educativos de A Voz do Operário; na Liga Nacional de Instrução; na Associação dos Professores de Portugal; na Sociedade de Estudos Pedagógicos; na Liga de Acção Educativa.

Lima circulou pelos movimentos internacionais da Educação Nova, freqüentando as instituições que lhe davam base e mantendo correspondência com seus líderes (Mogarro, 2006b, p.234). Para Candeias (2005), *o ideário educativo de Adolfo Lima mantém-se praticamente inalterado desde os primeiros textos publicados no período anterior à implantação da República até aos últimos escritos. Convicto da importância dos estudos da Psicologia para melhor educar a criança, entendia necessária a compreensão das leis do seu desenvolvimento psicológico, afetivo, mental e físico, a fim de adaptar as matérias aos diversos estágios do seu desenvolvimento. Esta maneira de encarar a educação, típica das atitudes da Educação Nova, na esteira de pessoas como Dewey, Claparède e Ferrière, tomava na sua forma escrita contornos muito rígidos, "científicos".*

Em 1927, Lima foi preso pelo regime salazarista em razão da oposição política de suas idéias e da defesa do anarquismo⁵. Ainda segundo Candeias (2005), *na seqüência da prisão, que pouco mais durou do que um mês, a vida de Adolfo Lima muda radicalmente. A sua revista, Educação Social extingue-se e a sua vida profissional é cada vez mais restrita à Escola Normal, como professor, e mais tarde como chefe da Biblioteca-Museu do Ensino Primário (...).*

Mogarro (2006b) indica que com a ditadura militar (1926) e depois com o Estado Novo, os pedagogos escolanovistas foram perseguidos e silenciados. Mesmo o lugar de representantes do país na Liga Internacional da Escola Nova foi perdido para o pedagogo oficial do regime – Cruz Felipe. Ferrière, um dos principais elementos de

⁵ Segundo Candeias (2005), em Outubro de 1927, Lima foi preso pelas autoridades da Ditadura Militar e teria ficado *estupefato. Escreve cartas da prisão em que reafirma não compreender a razão do que lhe acontecia por não se considerar um "político".* A acusação formal que recebeu foi a de participar na Associação dos Professores de Portugal, considerada defensora do comunismo (Candeias, 2005). Para descrição detalhada da biografia de Lima, consultar a íntegra do texto citado.

ligação do grupo escolanovista português com o movimento internacional, acaba por apoiar os pedagogos do novo regime, se afastando definitivamente daquele grupo⁶.

Mogarro (2006a) considera ainda que a nomeação de Lima, nestas circunstâncias, para a **BMEP**, foi uma estratégia do novo Regime de colocá-lo em posição de pouco destaque e de fácil controle de seu discurso; teria sido uma tentativa de aposentá-lo antes do tempo (Mogarro, 2006a). Lima teria, assim, transformado essa condição em possibilidade de fazer funcionar o que havia projetado, anos antes, para esse tipo de instituição⁷.

Para a autora, Lima organizou a **BMEP** para funcionar como verdadeiro *centro de informações de toda a espécie de assuntos pedagógicos em todas as atividades docentes de todos os graus e especialidades acadêmicas e de educação social; e como centro propulsor do desenvolvimento e aperfeiçoamento das ciências e métodos da Educação* (Mogarro, 2006a). Neste sentido, colocava em prática o modelo de formação escolanovista que vinha defendendo desde os anos 1920: a BMEP funcionaria como instituição central de formação dos novos professores, orientados em seus estudos e pesquisas pelo diretor da mesma.

O que teria a **AP** a oferecer para a formação docente portuguesa nos termos projetados por Adolfo Lima?

A Atualidades Pedagógicas e o modelo escolanovista de leitura e formação docente

Esta foi uma importante coleção editada pela Companhia Editora Nacional, entre 1931 e 1981. Foi criada por Fernando de Azevedo e por ele dirigida até 1943; com a saída deste, João Baptista Damasco Penna assume a direção da Coleção imprimindo a ela novo projeto editorial, após 1950. A **AP** veiculou um modelo de leitura e formação fortemente marcado pelas condições do campo pedagógico brasileiro e pelas opções políticas materializadas no próprio programa de formação de leitor da coleção.

O programa editorial proposto por Azevedo foi alçado a condição de referência nacional do escolanovismo, pelas estratégias⁸ de produção e difusão mobilizados⁹. Por

⁶ Para a descrição desta situação, consultar Mogarro (2006b, pp. 234-235).

⁷ Ainda, para Mogarro (2006), Lima, em seu livro *Metodologia* (1921), descreveu o que entendia ser as funções precípua das bibliotecas-museu nos quadros da pedagogia escolanovista.

⁸ Sobre o conceito de estratégia, consultar Certeau (1990, p.XLVI).

⁹ Durante o período em que dirigiu a coleção, Azevedo programou 51 títulos.

meio de dispositivos¹⁰ tipográficos e textuais inovadores, como capas sofisticadas, índices, notas de rodapé, textos nas orelhas, prefácios etc., Azevedo objetivou a construção de uma nova cultura pedagógica, marcada pela fé nos avanços das ciências e, especificamente, das ciências humanas¹¹. Programou autores e textos oriundos da reforma empreendida por Anísio Teixeira, no Distrito Federal, entre 1931 e 1935; e da sua própria reforma, em São Paulo, em 1933, que projetou a institucionalização do Instituto de Educação de São Paulo; assim como os autores da ABE carioca. Buscou publicar textos que versassem sobre as “ciências bases da educação” e os frutos das pesquisas desenvolvidas por essas novas perspectivas. Para isso, propôs a tradução dos textos e autores do movimento internacional do escolanovismo, programando-os de modo que autores brasileiros e estrangeiros conformassem uma coesa cultura pedagógica projetada como renovação.

É na trama das referências de autores brasileiros que se articulou o lugar das traduções. Foram editados textos de Jonh Dewey, Claparède, Pieron, Wallon, Kandel e Aguayo entre outros¹². As traduções foram freqüentemente abordadas pelos textos de autores brasileiros que redimensionaram as questões nelas colocadas, articulando as referências do debate internacional com as do debate nacional. O volume dois da **AP**, por exemplo, – *Como pensamos* – de Jonh Dewey, foi seguido por *Educação Progressiva*, de Anísio Teixeira, que retoma as questões abordadas pelo autor norte-americano sob uma perspectiva brasileira¹³.

Também é importante destacar que Azevedo não opta pelo manual, apesar deste gênero aparecer tanto entre as obras traduzidas assim como entre as obras de autores brasileiros. O diretor da coleção publica, preferencialmente, textos tomados como *de referência* – como o já citado *Como pensamos* – permitindo ao leitor entrar em contato com as bases do escolanovismo.

Essa opção articulou-se a outros dispositivos de leitura que facilitassem o contato do leitor - representado pelo editor como *novo leitor* - com os diferentes gêneros e

¹⁰ Sobre o conceito de dispositivos, consultar Chartier (2002).

¹¹ Sobre a constituição de uma nova cultura pedagógica, consultar Carvalho (2001).

¹² 8% dos textos traduzidos vêm dos Estados Unidos, 16% da França; e 10% de outros países como Cuba, Inglaterra e Alemanha.

¹³ Há uma complementaridade entre as traduções e os textos de autores brasileiros em relação às discussões temáticas. Assim, a coleção apresenta, por exemplo, um texto sobre história da educação de um autor brasileiro – Afrânio Peixoto - e outro de um autor norte-americano – Paul Monroe; um texto de educação comparada de um professor brasileiro – Milton Rodrigues - e outro de um professor norte-americano – I. L. Kandel etc. Os problemas da educação colocados em discussão pelos nomes de importância internacional são discutidos, na Coleção, pelos educadores nacionais em pé de igualdade.

apresentando didaticamente as obras. Entre esses dispositivos¹⁴ estava o *índice*, cujo formato permitia ao leitor identificar no texto os principais temas e assuntos abordados, convertendo os textos em manuais. Considerado lugar estratégico, por meio do qual o leitor identifica aquilo que pode ser de seu interesse. Este dispositivo de leitura foi extremamente cuidado na fórmula editorial da Coleção. No índice há um verdadeiro trabalho de sistematização dos conteúdos dos textos. A função desse dispositivo é antecipar os conteúdos de modo que, para o leitor, o texto ofereça poucas surpresas. O formato de índice escolhido por Azevedo permitia também ao leitor “freqüentador” do livro encontrar rapidamente a matéria de seu interesse.

Por exemplo, uns dos capítulos do índice de *Novos caminhos e novos fins*¹⁵ – do próprio Azevedo - é assim organizado:

Sociologia e Educação

A sociologia nos domínios da educação. – A
 Nova concepção do papel da escola na sociedade. – O
 Conceito dynamico da vida e a escola nova. – a reor-
 ganização da escola e os novos ideaes sociaes. – Os
 estudo sociaes brasileiros e as reformas pedagógicas.
 - Uma luz sobre os caminhos da vida.....107

Os livros, constituídos com tais índices, se transformam em manuais de rápida consulta por parte do leitor. Este tratamento dado aos diversos textos que compõem a Coleção faz com que esses pareçam lições completas que podem ser trabalhadas em aulas. Cada capítulo, já sistematizado no índice, indica a exposição lógica do conteúdo de cada questão ou problemática tratada no texto, facilitando a leitura dos iniciantes. Os índices não se conformam como simples mapas dos títulos e subtítulos dos capítulos; eles expõem os conteúdos e o conceito-chave de cada passagem, auxiliando o leitor a dominar o texto.

Estabelecendo os índices no modelo descrito, o editor homogeneiza todos os textos que fazem parte da coleção, sobretudo, no que diz respeito aos usos que podem ser feitos de cada volume. Mesmo que sejam publicados textos de diferentes gêneros na Coleção – ensaios, discursos, manuais, exposições de experiências científicas etc. – o índice garante que o leitor possa consultar os volumes de maneira fácil e rápida -, como se todos os textos tivessem, em princípio, a função de manuais. O editor, por meio do

¹⁴ Há outros dispositivos fundamentais que têm a mesma função, como os textos das orelhas, as apresentações de autores e tradutores nas páginas de rosto dos volumes, as notas de rodapé, porém, não há espaço no escopo desse trabalho para apresentá-los.

¹⁵ O texto de Azevedo é um recolhimento de artigos e discursos publicados durante a reforma que empreendeu no Distrito Federal, entre 1927 e 1930. É com este texto que Azevedo abre a coleção.

índice, constitui uma estratégia de didatização dos textos que fazem parte da Coleção, garantindo um determinado uso pelo público ao qual ela está destinada.

Esta homogeneização dos textos é uma estratégia fundamental para que a Coleção seja identificada com o público para o qual foi projetada: *a formação e o aperfeiçoamento cultural dos professores e educadores* - como expõe o texto de apresentação da Coleção na fase de Azevedo. A missão didática da Coleção foi claramente indicada na estratégia de constituição de um índice descritivo e didatizado que permite a instrumentalização dos textos, seja qual for a sua natureza.

A **AP** torna-se espaço de difusão das concepções educacionais do grupo de Azevedo, cujo programa político comum era o *de reforma da cultura pela reforma da educação e da escola* (Carvalho, 2003). A Coleção faz circular os textos polêmicos do movimento, e os textos considerados por seus sujeitos como estruturais das mudanças que deveriam ser operadas na escola e na cultura pedagógica do professorado, na eficaz *forma de manual*.

Nos anos 1930/40, a fórmula editorial que deu fama à Coleção é a da atuação polêmica junto ao movimento educacional, fazendo circular textos e autores que propunham um projeto específico de intervenção na escola e na cultura¹⁶. Essa atuação se dava pela publicação de novidades produzidas por autores nacionais e complementadas por traduções, em formato eficaz destinado ao novo leitor da pedagogia. Ela torna-se sinônimo de instrumento político de transformação e estratégia de intervenção de Azevedo e seu grupo na luta pela imposição de determinadas representações no campo da cultura e da educação por meio da imposição de um modelo de leitura específico na formação docente.

O leitor, neste período, vai se constituindo concomitantemente à construção das novas instituições responsáveis pela formação do professorado, tanto no nível secundário como no nível superior. Os protagonistas do processo de construção dessas novas instituições confundem-se com os autores da Coleção. Em seus programas de cursos e propostas bibliográficas aparecem indicações de diferentes livros da Coleção¹⁷.

¹⁶ No prefácio, assinado por Anísio Teixeira, à *Democracia e Educação*, de John Dewey, comenta-se: “A teoria simplista e tão largamente utilizada e explorada pelos seus inimigos, de que a democracia é mera forma de governo e forma de governo que falhou ou vem falhando, fica inteiramente destruída com a compreensão ampla e profunda que nos transmite J. Dewey da verdadeira democracia. (Teixeira, 1934, p1).

¹⁷ Para maiores informações sobre a bibliografia dos cursos dos Institutos de Educação, consultar Evangelista (1997), Vidal (1995) e Pinto (2006).

Na própria Coleção se inscreve o programa de construção do novo modelo de formação de professores. O programa da **AP** visava criar a demanda de leitura de um novo leitor.

Do ponto de vista comercial, o convite a Azevedo para dirigir a Coleção significou uma resposta editorial à demanda por livros de formação de professores considerados de qualidade (Beda, 1997). Qualidade essa advinda do renome do Educador e da rede de autores que este mobilizou para publicar na Coleção. Mais especificamente, significou a sintonia entre o programa de leitura da Coleção e a demanda específica por uma nova literatura educacional produzida pelas reformas educacionais empreendidas pelo próprio Educador e por seus pares. A CEN, por meio do prestígio de Azevedo, pode fazer negócios com o governo do Distrito Federal, atendendo suas necessidades em relação ao livro escolar, assim como às necessidades de outras Diretorias de Instrução Pública, como a de São Paulo e a da Guanabara.

A inserção de Azevedo na Editora significou também maior trânsito desta entre as instituições e associações de educadores, cujos resultados se revelavam em propostas de publicação de revistas, livros, anais de congressos etc¹⁸. Esses espaços passam a fornecer um plantel de novos autores, não só ligados à educação, mas também, à literatura, à história, à filosofia etc.

Essa situação transforma-se, no final dos anos trinta, com a acirrada oposição dos católicos a Azevedo e a seu projeto político-educacional¹⁹. Seu prestígio constituído no mundo editorial sofre forte abalo: a rede de autores por ele montada se dissolve com a derrota política de parte do projeto sintetizado na reforma de Teixeira do Distrito Federal, no Instituto de Educação da USP e no desenho da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras também da USP. Com o processo de fechamento do regime varguista, esses três âmbitos da ação reformadora sofrem intervenção e são ou desmontados ou modificados e, ao fim e ao cabo, é inviabilizada a própria ação política de Azevedo.

Azevedo, entre os anos 1930 e 1940, foi alvo de propaganda desmoralizadora produzida pelo Centro Dom Vital²⁰. Seu nome é recusado pelos católicos para exercer diferentes cargos na condução da política educacional realizada pelo novo Ministério de

¹⁸ Por exemplo, é a Companhia Editora Nacional que edita em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova.

¹⁹ Sobre as diversas estratégias de oposição dos católicos, consultar Carvalho (2003) e Sgabi (2001).

²⁰ Consultar, por exemplo o panfleto distribuído pelo Centro e assinado por Alexandre Correia (1936), *Ao Sr. Fernando de Azevedo, a sua sociologíte agudo e o que mais lhe aconteceu....* Ver também as críticas sobre as obras de Azevedo publicadas na revista *A Ordem.*, além de Van Acker (s/d.). Para uma descrição mais detalhada do itinerário de Azevedo no período, consultar Toledo (2001).

Educação e Saúde²¹, além de sua obra ser criticada e proibida para o uso dos professores católicos.

O insucesso político leva parte dos autores que publicavam nas coleções dirigidas por Azevedo, a pedir a liberação de seus vínculos contratuais²². Sem conseguir revitalizar o prestígio da Coleção, atingida pelas sucessivas derrotas políticas, Azevedo abandona a ação editorial, articulando um novo espaço de atuação política interno a USP.

Com a derrota desse modelo, sobretudo pelo controle do campo pelos católicos, também fracassa o projeto da Coleção que, para sobreviver, precisou ser profundamente modificado, adequando-se às condições do mercado²³.

Que livros dessa coleção comporiam o acervo da BMEP?

A Coleção Atualidades Pedagógicas na Biblioteca Museu do Ensino Primário

A maioria dos 23 títulos da **AP**, que constam na **BMEP**, foi editada entre 1931 e 1939²⁴. São os textos produzidos no calor das reformas Anísio Teixeira (1931-1935) e Fernando de Azevedo (1933). São os textos que fizeram circular as bases científicas e arquitetônicas das reformas, como por exemplo: *Novos Caminhos e Novos Fins e Educação e seus problemas* – de Azevedo; *Educação Progressiva* – de Teixeira; *Educação e Psychanalyse* – Ramos; *Educação Social* – de Celso Kelly, entre outros.

Predominam, na **BMEP**, os textos assinados por autores brasileiros, perfazendo 16 títulos, contra 6 traduções²⁵. Esse predomínio é explicado pela própria opção dos editores da coleção de traduzir pouco²⁶. As traduções que comparecem na **BMEP** são: *Como pensamos* (J.Dewey); *Educação funcional* (E. Claparède); *Didática da Escola Nova e Pedagogia Científica* (A. M. Aguayo); *Princípios de Psicologia Aplicada* (H. Wallon); *História da Educação* (P. Monroe). Esses títulos, do ponto de vista dos campos do conhecimento, se referem, predominantemente, à pedagogia e suas

²¹ Ver Schwartzman e outros (2000).

²² É o caso, por exemplo, de Delgado de Carvalho que pede a liberação de seus livros para uma outra coleção (Carvalho, Delgado de 3/09/1943, *Arquivo* Fernando de Azevedo, cx8/4).

²³ JB Damasco Penna remodela a AP transformando por completo o modelo de leitura e formação por ela veiculado. Sobre o novo modelo.

²⁴ Apenas um título foi editado em 1947 (a tradução de *Educação Comparada* de I.L. Kandel).

²⁵ Como já referido, a quinta tradução que comparece na BMEP é *Educação Comparada* (1947) de I.L. Kandel.

²⁶ Dos 39 títulos editados entre 1931 e 1939, apenas 9 são traduções.

articulações com a psicologia. São, também, autores diretamente ligados ao movimento da Escola Nova; participantes da Liga Internacional da Escola Nova. Referências mobilizadas na própria obra de Adolfo Lima, estes textos poderiam fornecer aos leitores da **BMEP** as referências fundamentais do escolanovismo, assim como o faziam para o público brasileiro.

Em relação ao conjunto de títulos de autores brasileiros²⁷, é importante notar duas características: de um lado, com exceção da história da educação, os campos do conhecimento freqüentados pelas traduções, também são freqüentados pelos autores brasileiros. Portanto, a apropriação dos brasileiros das referências internacionais do escolanovismo, propostas na **AP**, se mantém no acervo da **BMEP** - por exemplo, *Como pensamos* e *Educação Progressiva* - estão nas prateleiras desta biblioteca. Por outro lado, os campos do conhecimento da política da educação, da sociologia da educação, da biologia educacional e da administração escolar estão representados apenas por autores brasileiros. Os problemas da escola brasileira²⁸, assim como da política da educação²⁹, encontrariam eco nas necessidades educacionais portuguesas? Os problemas da política educacional portuguesa e da pedagogia da escola nova, em épocas de censura, poderiam ser discutidos de modo mediado pelo debate brasileiro?

As apropriações da Coleção pelos estudantes e docentes portugueses podem ter sido facilitadas em razão de sua fórmula editorial: ela apresentava um repertório de traduções dos expoentes do escolanovismo internacional em português; apresentava um repertório dos jargões escolanovistas, como, por exemplo, *escola nova*; *escola como meio social*; *psicologia da criança*; *espírito de cooperação*, *escola única*, *escola do trabalho*, entre outras; trazia relatos de experiências e práticas escolanovistas realizadas por um país considerado *atrasado em educação*; e, por fim apresentava um modelo de leitura que facilitava o acesso dos iniciantes às referências desse movimento educacional.

Como entender a presença desta coleção, considerada *revolucionária* e *bolchevizante* no Brasil, na **BMEP** sob o regime salazarista? Ainda não há documentação suficiente para se dimensionar essa presença: nem sobre a aquisição dos

²⁷ É impossível, pela dimensão em caracteres deste texto, mencionar todos os autores brasileiros que aparecem na BMEP.

²⁸ Por exemplo, *A Escola pitoresca e outros trabalhos* (Almeida Jr.) e *Psicologia do Desenho infantil* (S. Rabello) versam sobre os problemas da escola brasileira descrevendo seu cotidiano ou relatando experiências com as crianças destas escolas.

²⁹ Por exemplo, os já referidos textos de Azevedo – *Novos caminhos....* e *Educação e seus problemas* – são recolhido de discursos políticos proferidos em eventos públicos.

livros, nem sobre a situação de uso dos mesmos³⁰. Porém, é possível inferir respostas por meio da análise de indícios dessa situação.

Nas prateleiras da **BMEP**, além da **AP**, encontram-se os números do *Boletim da Educação Pública*³¹ – periódico oficial da reforma Anísio Teixeira (1931-1935), herdeiro de outro periódico de mesmo nome editado durante a reforma Fernando de Azevedo do Distrito Federal (1927-1930). Nestes volumes consta o carimbo de doação nos termos de intercâmbio entre as instituições de formação docente. O *Boletim* foi concebido como veículo de *informação e intercâmbio sobre o que se passa[va] no mundo em matéria de educação; e como porta-voz por excelência do pensamento dirigente do grande sistema escolar do Rio de Janeiro*, entre outras funções (Carvalho & Toledo, 2000, p.87). O *Boletim* também estava articulado a uma biblioteca congênere a **BMEP**: a **Biblioteca Central da Educação (BCE)**. O *Boletim* servia para difundir os títulos adquiridos pela **BCE** e intercambiados outras bibliotecas.

A presença de todos os números do *Boletim* na **BMEP** indica que ela era uma das instituições interlocutoras da Reforma Anísio Teixeira, já que no próprio edital de produção do *Boletim* consta, no caso da distribuição gratuita do periódico, a necessidade do estabelecimento de intercâmbio formal entre as instituições. Neste sentido, pode-se considerar que Lima, como diretor da **BMEP**, era conhecedor da Reforma Anísio Teixeira e optou pelo intercâmbio³².

Como já indicado, a Reforma Anísio Teixeira se articulou organicamente com **AP**, seja por ter fornecido autores e textos, frutos da ação reformadora, seja por ter transformado o governo do Distrito Federal em cliente da Nacional³³. O próprio *Boletim* resenhava livros da **AP**, como *Novos Caminhos* e *Novos Fins* e a tradução de *Como pensamos*, fazendo circular as referências da Escola Nova à brasileira. Portanto, a

³⁰ É importante destacar que: alguns títulos tinham mais de um volume, o que denota a necessidade de quantidade maior de volumes para uso dos leitores; e, alguns volumes estão em péssimas condições pelo uso excessivo. Essas situações indiciam que a **AP** foi de fato usada pelos consulentes dessa biblioteca.

³¹ O *Boletim da Educação Pública* é lançado em 1932. Ele se declara continuidade do *Boletim* publicado na reforma Fernando de Azevedo.

³² Além do carimbo dos Boletins não encontrei outros volumes que indicassem a doação dessa natureza.

³³ Exemplo dessa relação encontra-se em correspondência privada entre o agente da Companhia Editora Nacional, no Distrito Federal, com o seu Diretor. A carta é de março de 1936, momento em que a reforma Anísio Teixeira começa a ser desmontada. Diz o Agente: “(...) A título de se necessário rever os programas, para organizá-los sob novos moldes. Está aqui o grande golpe contra nós. Para lançar a confusão, o Lourenço fez crer que estes programas tinham tendências bolchevistas. (...) Como os atuais programas serão postos de lado, nós ficaremos com o encalhe, enquanto se prepara a oportunidade da Melhoramentos publicar, posteriormente, para o resto do Brasil os novos” (Agente da CEN, 1936,p.1). Como se pode notar pelo trecho a Nacional havia publicado os programas escolares da reforma Anísio Teixeira (1934-1935). Sobre a mudança dos programas, consultar Pinto (2006).

presença dos livros da AP nesta biblioteca não parece ser fortuita. Lima, certamente, conhecia, pelo menos, os autores que frequentavam a Coleção e sua atuação política.

Esse indício é corroborado por outro: os *Boletins*, na **BMEP**, estão acompanhados pela coleção completa dos boletins da Liga Internacional pela Educação Nova, - tanto a sua versão inglesa (*The New Era*), quanto a francesa (*Pour l'Ère Nouvelle*). No boletim francês, as reformas da escola brasileira, sob auspícios da Escola Nova, aparecem como notícias e comentários, desde 1927³⁴. Ferrière, um dos principais articulistas do *Pour l'Ère Nouvelle*, apresentou a Reforma Fernando de Azevedo (1927) como um exemplo de reforma que teria transformado o país – *do mais atrasado em termos de educação para um dos mais modernos*³⁵. Converte, desse modo, o movimento escolanovista brasileiro em referência do movimento internacional; as reformas do grupo de Azevedo seriam um dos exemplos de intervenção bem-sucedida sob os marcos da Escola Nova e, conseqüentemente, o Educador e seus escritos uma referência internacional. A relação entre a **AP** e as reformas de Azevedo e Teixeira, como já indicado, era orgânica e, nestes termos, a Coleção é legitimada pelo reconhecimento que seu diretor possuía, assim como seus autores. A Coleção, neste sentido, era porta-voz de uma das versões do escolanovismo brasileiro³⁶.

Há que se considerar ainda a situação de repressão sob a qual viviam os pedagogos escolanovistas portugueses, como Lima. A censura sobre os autores de livros “técnicos”, por vezes, recai sobre o que representam no campo, sobre a posição que ocupam, muito mais do que sobre os textos “técnicos” que publicam. A censura sobre os livros “técnicos” ou “especializados” advindos de outro país, nestes termos, é muito mais difícil em razão da falta de conhecimentos dos censores de quem são seus autores, de suas posições políticas ou outras condições que o valham. A **AP**, no campo pedagógico português, não adquiriu a mesma condição política que adquiriu no campo pedagógico brasileiro. Longe da contenda específica do campo político-educacional brasileiro, poderia circular apenas como conjunto de referências da pedagogia

³⁴ Certamente, pela circulação dos grupos português e brasileiro pelos congressos promovidos pela Liga e entre os dois países, não é possível afirmar que o (re)conhecimento entre eles se deu apenas por intermédio do boletim francês citado. Porém, a presença do mesmo na BMEP, ainda acompanhado pelo *Boletim* brasileiro, é importante indício do reconhecimento das reformas empreendidas pelo grupo de Azevedo e Teixeira.

³⁵ As relações entre o movimento escolanovista brasileiro e a Liga Internacional da Educação Nova estão descritos e analisados por Carvalho (2004) no artigo *O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova*. Desse artigo extraí as informações que cito nesta passagem.

³⁶ Sobre diferentes modos de apropriação do escolanovismo no Brasil, ver Carvalho (2003).

escolanovista. A distância do lugar de produção dos livros permitiu a circulação mais ágil desta literatura na época da censura; e, ao mesmo tempo, ofereceu material apropriável para a divulgação de modelos pedagógicos específicos.

Também é preciso notar que a política cultural portuguesa para a montagem de bibliotecas públicas pode ter propiciado a circulação da **AP**. Melo (2004), ao analisar a gênese e consolidação das bibliotecas públicas em Portugal, entre 1926 a 1981, verifica que as políticas estabelecidas pelo Estado para a organização dos acervos pouco investiu na aquisição de volumes: privilegiavam-se as doações e depósitos obrigatórios efetuados pelas editoras; e, para as bibliotecas escolares, contou-se com as benevolentes doações de professores e alunos (Melo, 2004, pp.38 e 157). Provavelmente, a composição do fundo da **BMEP**, além de ter herdado fundos pré-existentes (Mogarro, 2006a), foi composto por doações e depósitos legais das editoras.

A CEN adotou, por 50 anos, a política publicitária de distribuição gratuita de seus lançamentos para divulgadores e bibliotecas públicas nacionais e internacionais. Em 1932, a CEN monta sua filial em Lisboa, inundando o mercado português, se diferenciando das editoras do país pelos preços e pelas capas chamativas (Hallewell 1985, p.279). As bibliotecas escolares transformam-se em pontos de divulgação para a Editora, sobretudo, aquelas com o perfil da **BMEP**, que atendiam docentes de todo o país (Mogarro, 2006a), na medida em que permitem ao público leitor tomar contato com o livro e adquiri-lo posteriormente.

Outro indício de que a **BMEP** estava incluída na política de doações da CEN, é o fato dela manter relações de intercâmbio com a **Biblioteca Central** do Distrito Federal. Tal intercâmbio reforçava os critérios de escolha desta instituição como uma das referências de distribuição e propaganda das edições pedagógicas da CEN, já que uma das pessoas que decidia sobre lista de distribuição gratuita era o próprio diretor da Coleção.

Esses indícios permitem considerar que possivelmente a apropriação do modelo de leitura e formação que a **AP** ofereceu, possibilitou aos escolanovistas portugueses fazerem circular discursos análogos aos seus próprios, mesmo sob forte censura e controle, como é o caso de Lima. A CEN oferecia, sem ônus financeiro para a **BMEP**, uma coleção de livros de formação docente com um repertório de discursos da nova pedagogia, escapando das imposições do discurso dominante, católico e nacionalista hegemônico no campo pedagógico português a partir de meados dos anos 1930.

Bibliografia citada:

Fontes Primárias

- AGENTE da Cia Ed. Nacional. 1936. *Carta a O. M. Ferreira*. Correspondência Pessoal de Monteiro Lobato. Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. São Paulo.
- AZEVEDO, Fernando (editor). 1931-1946. *Coleção Atualidades Pedagógicas*. Vols 1 a 50. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CARVALHO, Delgado de. 03/09/1943. *Carta a Fernando de Azevedo*. Cx 8/4. Série Correspondência Passiva. Arquivo Fernando de Azevedo.
- CORREIA, Alexandre. 1936. “*O Sr Fernando de Azevedo, a sua sociologite aguda e o mais que lhe aconteceu...*”. SP: Centro Dom Vital.
- _____. 1931. *Filosofia da Escola Nova*. SP: Centro Dom Vital.
- TEIXEIRA, A.. 1936. *Apresentação*. In: DEWEY, J. *Democracia e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- VAN ACKER. S/d. *Escola Nova e Comunismo*. In: O Legionário. SP

Bibliografia consultada

- BEDA, Ephraim de Figueiredo. 1987. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. Dissertação de Mestrado. ECA/USP
- CANDEIAS, A.. 2005. Adolfo Lima (biografia). In: NÓVOA, A. & BANDEIRA, F. *A educação portuguesa. Corpus documental (séculos XIX e XX)*. Lisboa: ASA.
- CHARTIER, Roger. 2001. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. da UNESP
- _____. 1998. *As utilizações do objecto impresso*. Lisboa: DIFEL.
- _____. 1994. *A ordem dos livros*. Brasília: Ed. da UnB.
- CARVALHO, Marta M C. 2004. O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova. In: XAVIER, M.C.. *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: FGV/FUMEC.
- _____. 2003. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: Ed. Da Univ. S. Francisco.
- _____. 2001. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: HILSDORF, MLS. & VIDAL, D.G.. *Tópicos e História da educação*. São Paulo: Edusp.
- _____; PINTASSILGO, J. & Outros. 2006. *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Colibri/ CIE Universidade de Lisboa.
- _____. & TOLEDO, Maria Rita de A. 2000. Reforma escolar, pedagogia da Escola Nova e usos do impresso. in *Contemporaneidade e Educação: temas de história da educação*. Ano V, nº 7- 1º sem. RJ: IUPERJ.

- CERTEAU, Michel. 1990. *L'invention du quotidien: .arts de faire.* vol 1. Paris: Gallimard.
- EVANGELISTA, Olinda. 1997. *A formação do professor em nível universitário – o Instituto de Educação da Universidade São Paulo.* SP: PUC. (tese de doutorado)
- HALLEWELL, Laurence. 1985. *O livro no Brasil.* São Paulo: TAQueiroz/Edusp.
- MELO, Daniel. 2004. *A leitura pública no Portugal Contemporâneo (1926-1987).* Lisboa:ICS.
- MOGARRO, Maria João. 2006a. *Bibliotecas para a formação de professores em Portugal (1930-1970).* In: Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia: EDUFU.
- _____. 2006b. *Bibliotecas particulares e saberes pedagógicas: circulação e apropriação de modelos culturais.* In: Carvalho, M.M.C. de; PINTASSILGO, J. et outros. *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação apropriação de modelos culturais.* Lisboa: Colibri/CIE da Universidade de Lisboa
- OLIVERO, Isabelle. 1999. *L'invention de la collection.* Paris: Éditions de L'IMEC/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- PINTO, Karina P. 2006. *Por uma nova cultura pedagógica: prática de ensino como eixo da formação de professores primários do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1937).* São Paulo: EHPS-PUCSP (tese de doutorado).
- SCHWARTZMAN, Simon & outros. 2000. *Tempos de Capanema.* Rio de Janeiro: Paz e Terra/ Ed. da UFGV.
- VINCENT, Guy &Outros. 1994. *Sur l' Histoire et la théorie e la forme scolaire.* In: VINCENT, Guy (org.). *L' education prisionnière d la forma scolaire?.* Paris: PUF.
- VIDAL, Diana G.. 1995. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937).* Tese de doutorado FEUSP.